



**gabriel bicalho**

eu vos oferto a poesia  
numa taça de cristal  
: escarro do baudelaire  
*juste sur les fleurs du mal!*

eu vos oferto as volutas  
antes que o fumo me amaine  
nos bordéis de nossas putas  
aos poemas do verlaine!

eu vos oferto e me espanta  
viver essa morte porca  
: rosa ou sangue na garganta  
do jovem garcia lorca!

eu vos oferto um poema  
qualquer coisa que não coisa  
: fantasma ou latente edema  
nos pulmões do cruz e souza!

eu vos oferto um charuto  
feito de folhas da arruda  
: pelo muito que refuto  
nos poemas do neruda!

eu vos oferto na praça  
uma forreca e um fonfom  
: a quem pela vida passa  
lendo e relendo o drummond!

eu vos oferto a despeito  
sob espessa névoa fria  
este punhal no meu peito  
que vós chamais de poesia!

APOIO:



# Poetas Aldravistas no Salão do Livro de Paris e em Lisboa

Na noite de 13 de março de 2012, no salão de eventos do Cercle Republicain, 5, Av. de l'Opera, Paris, escritores brasileiros que contribuíram para o engrandecimento da cultura francesa, seja com estudos de autores franceses, seja por publicação de trabalhos literários ou científicos em língua francesa, foram reconhecidos pela Académie du Mérite et Dévouement Français com Diplomas e Medalhas. Entre os homenageados brasileiros, destacam-se os poetas aldravistas e da Academia de Letras do Brasil de Mariana, Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho e J. B. Donadon-Leal, que tiveram suas obras reconhecidas com a comenda maior, a Medalha de Ouro e seu respectivo Diploma. Os escritores aldravistas receberam a Medalha de Ouro sob a Chancela da Presidência Francesa.

No dia 14 de março de 2012, os poetas Aldravistas, Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal, J.S. Ferreira e as escritoras do CLESI (Clube dos Escritores de Ipatinga), Marília Siqueira Lacerda e Maria Goretti de Freitas, também, foram recebidos em Portugal por Acadêmicos da Academia de Letras e Artes de Estoril. Na oportunidade, os escritores mineiros foram homenageados pela Academia de Letras e Artes e pela Academia Internacional de Heráldica de Portugal. As entidades portuguesas e brasileiras reafirmaram seu protocolo de cooperação. Andreia Donadon Leal e J. B. Donadon-Leal fizeram palestra na Academia de Letras e Artes de Portugal sobre a nova forma de poesia, **Aldravia**, criada pelos poetas aldravistas.

No dia 15 de março de 2012, às 17 horas, aconteceu no Pavilhão 1 do Centro de Convenções de Paris a abertura oficial do 32º Salão do Livro de Paris. Escritores mineiros fizeram-se presentes e prestigiaram o Stand da Yvelin/Divine Édition, no qual têm seus livros expostos.

Autores brasileiros participam do Coquetel de abertura do Salon du Livre de Paris, ainda no dia 15 de março, das 17 às 21 horas, com a presença do Presidente da República e do Ministro da Cultura da França.

No dia 16 de março, aconteceu o lançamento em grande estilo, com a participação dos escritores mineiros da coletânea "Écrivains Contemporains du Minas Gerais", Zaira Melillo Martins, Maria Goretti de Freitas, Douglas Henrique, Gabriel Bicalho, Marília Siqueira Lacerda, Andreia Donadon Leal (organizadora), Gilberto Madeira Peixoto, Cecy Barbosa Campos, J.S.Ferreira, Vilma Cunha Duarte e J.B.Donadon-Leal, que declamaram poemas, fizeram pronunciamientos, apresentações e cantaram a música **Ó, Minas Gerais** e o **Hino do Brasil**, encantando público e escritores franceses.

**Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha**  
 ↳ RUA SALOMÃO IBRAHIM DA SILVA, 78. CENTRO-MARIANA-MG / Fone: (031)- 3557-2475

## 32º Salon du Livre de Paris

Lançamento do livro:  
 "Écrivains Contemporains du Minas Gerais".  
 Dia 16 de março, às 19 horas.  
 Porte de Versailles - Pavillon 1.  
 Stand d'Yvelinédition.

Antologia:  
 "Écrivains Contemporains Du Minas Gerais"  
 Organizadora: Andreia Donadon Leal.  
 Coordenadora: Diva Pavesi.

### feita fotos

APOIO:



Escritores Mineiros marcaram presença no lançamento do livro "Écrivains Contemporains Du Minas Gerais": Zaira Melillo Martins, Goretti de Freitas, Douglas de Carvalho Henriques, Gabriel Bicalho, Marília Siqueira, Andreia Donadon Leal, Gilberto Madeira, Cecy Barbosa Campos, J.S.Ferreira, Vilma Cunha Duarte e J. B. Donadon-Leal.



Visão panorâmica do Stand da Yvelin Edition



Jornais Aldrava Cultural e Linguagem Viva em balcões do 32º Salão do Livro de Paris.



J. B. Donadon-Leal, Vilma Duarte, Andreia Donadon Leal, Diva Pavesi, Marília Siqueira, Goretti de Freitas, J.S. Ferreira e Gabriel Bicalho Stand da Yvelin/Divine Édition - Salão do Livro de Paris - 13032012.



Escritores mineiros, com Diva Pavesi, mostram orgulhos o livro "Écrivains Contemporains Du Minas Gerais".



Livro "Rien que des aldravias", de Elvandro Burity, primeiro livro de editado em Lingua Francesa, e dedicado aos poetas aldravistas, inventores dessa nova forma poética.



Andreia Donadon Leal recebe, de Jean-Paul de Bernis (Presidente) e Diva Pavesi (Delegada Brasileira) Diploma e Medalha de Ouro da Académie du Mérite et Dévouement Français.



J. B. Donadon-Leal recebe Jean-Paul de Bernis (Presidente) e Diva Pavesi (Delegada Brasileira) Diploma e Medalha de Ouro da Académie du Mérite et Dévouement Français.



Gabriel Bicalho recebe, de Jean-Paul de Bernis (Presidente) e Diva Pavesi (Delegada Brasileira) Diploma e Medalha de Ouro da Académie du Mérite et Dévouement Français.



Computadores, acessórios, manutenção e rede. → Fone: 0-31-3832-1462  
Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.



**TRANSAMÉRICA FM 92,5**  
(031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082  
SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



## Um dia em Lisboa/Portugal:

### Poetas Aldravistas homenageados por Academias Portuguesas

Os poetas Aldravistas, Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal e J.S. Ferreira foram recebidos em Portugal por Acadêmicos da Academia de Letras e Artes de Estoril. Na oportunidade, os poetas mineiros foram homenageados pela Academia de Letras e Artes e pela Academia Internacional de Heráldica de Portugal. As academias anfitriãs também foram homenageadas com Diploma de Mérito Acadêmico da Aldrava Letras e Artes e de Mérito Cultural do InBRASCI-MG. As entidades portuguesas e brasileiras reafirmaram seu protocolo de cooperação. Andreia Donadon Leal e J. B. Donadon-Leal fizeram palestra na Academia de Letras e Artes do Estoril.

Os Acadêmicos Victor Escudeiro, Armando Rebordão e José Sesifredo Colaço apresentaram aos visitantes brasileiros a revolução arquitetônica de Portugal de 1988, o Centro Histórico de Lisboa, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém:

*"Poetas Aldravistas de Mariana - Brasil, Bom Dia e Bom Trabalho!*

*Com suas preciosas informações, que muito agradeço, passo a explicar a nossa sugestão de programa para o dia 14 de Março, quando da Vossa visita a Lisboa: 08.25 Horas - Estaremos no Aeroporto de Lisboa, para Vos esperar, com Cartaz da Academia de Letras e Artes, para um mais fácil reconhecimento.*

*09.30 Horas - Pequeno-Almoço nos Célebres Pastéis de Nata de Belém.*

*10.30 Horas - Visita à Lisboa Monumental (Torre de Belém, Praça do Império, Mosteiro dos Jerónimos, Museu dos Coches, Praça do Comércio, Baixa Pombalina e Chiado).*

*13.30 Horas - Almoço no Restaurante Clara Chiado com Recepção pela Academia Internacional de Heráldica e pela Tertúlia Rafael Bordalo Pinheiro (Entrega de Diplomas e Insígnias).*

*15.30 Horas - Visita Guiada à Basílica de Nossa Senhora dos Mártires e Recepção pela Confraria do Apóstolo Santiago (Entrega de Diplomas e Medalhas).*

*17.00 Horas - Recepção e Sessão Acadêmica na Academia de Letras e Artes. Assinatura do Protocolo de Cooperação.*

*19.30 Horas - Cocktail e Jantar/Tertúlia no Hotel Cidadela, com Programa Cultural. Apresentação da palestra: "Aldravia: nova forma, nova poesia" por J. B. Donadon-Leal.*

*Os transportes, o acompanhamento, os Guias Culturais/Turísticos e as Home-*

*nagens serão a nossa prova de Boa Vontade e Carinhosa Hospitalidade.*

*Fico, uma vez mais, disponível e sempre Dedicado, com Melhores Cumprimentos e Saudações Acadêmicas!*

**Victor Escudeiro,**

Chanceler da Academia de Letras e Artes  
- Estoril, Portugal. -



Andreia Donadon Leal, palestrante, ladeada pelo Dr. António Pinto Ferreira e Dr. Joaquim Baraona na Academia de Letras e Artes do Estoril - Portugal.



J. B. Donadon-Leal entrega a ela de Andreia Donadon Leal a Academia Anfitriã - Sagração das Luzes - acañica sobre tela. (Foto do acervo da ALA)



J. B. Donadon-Leal faz palestra, na Academia de Letras e Artes do Estoril



Dr. Victor Escudeiro, Acadêmico da ALA-ESTORIL / PORTUGAL, apresentando aos visitantes brasileiros o Convento dos Jerónimos.



Dr. Armando Rebordão, Acadêmico da ALA-ESTORIL / PORTUGAL, apresentando aos visitantes brasileiros o Convento dos Jerónimos.



Reunidos os Acadêmicos da ALA para jantar de confraternização. // 14/03/2012 // Hotel Cidadela - Cascais / PORTUGAL [Foto do acervo da ALA].





Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO Telefone:  
CROMG 33939 (31) 3557-1415  
Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG



## OURADO PÔR DO SOL

*Vilma Cunba Duarte*

[ Araxá-MG ]

Dos tesouros da natureza  
enrica-se o belo do mundo  
enquanto homem não vem

Com as tintas do arco-íris  
ninguém ousou o confisco  
ou pintou céu mais bonito

O verde das verdes matas  
só tem par na Esperança  
a colorir bons sentimentos

Será onde a Mãe esconde  
o pote de rico ouro do sol  
que dorme ourando poesia

## MISTÉRIO...

*Conceição Parreiras Abritta*

[ Belo Horizonte-MG ]

A vida é mistério,  
é canto de guerra  
no cerco do amor.  
Suplício, ciúme,  
respeito, vivência,  
é um beijo de ardor.

A vida... é correr  
atrás de desejos,  
de casos pensados,  
sonhando acordado,  
sorrisos abertos  
no alvorecer.

A vida é ternura,  
lembrança, emoção,  
reliquia guardada  
do que já se foi...

A vida é coragem  
de luta e ventura  
vencendo a ilusão.

A vida é piedade,  
sofrer combalido  
dos sonhos já mortos.

batalha estendida  
ao termo final  
do tempo que passa...

Retendo no ar  
mistério... saudade.

## SOU

*Maria Luíza Walendowsky*

[ Brusque-SC ]

Sou como o vento  
a embalar  
um barco a deriva...

Como a brisa marinha  
persistente...  
constante!

Sou um leve sopro  
a murmurar, sorrateiramente,  
doces palavras...

As vezes sou ciclone,  
forte...  
determinada.

... sou como o vento.

## FORA DE LUGAR

*Daladier Carlos*

[ Rio de Janeiro-RJ ]

A intimidade  
será apenas uma arte,  
se o meu retratista  
souber interpretar com êxito  
os momentos que produz,  
de modo a encantar o mundo.

Se não for assim,  
basta! não me exponha,  
e não revele à luz  
as minhas cicatrizes,  
as misérias da alma,  
pelo amor que a mim não quis.

Meu corpo, "voyeur" atento,  
será tão somente uma arte,  
se o meu gozo vier comigo  
festejar os anos da jornada,  
quando tudo ainda se encontrava  
na manifestação de algum poder.

Agora, já não conto  
e não separo os meus músculos,  
por um falso e descuidado prazer,  
como se pudessem meu olhar e meu sexo  
permanecerem fora de lugar.

## "BELZONTE"

*Eduardo A. O. Toledo*

[ Pouso Alegre-MG ]

De manhã, quando o sol desce  
e espalha luz e calor,  
Belo Horizonte é uma prece  
em hosanas ao Senhor !...

Já, quando o dia entardece  
energizando o labor,  
Belo Horizonte parece  
um burburinho de amor...

De noite, à luz do luar,  
Belo Horizonte é um pomar  
das ilusões mais seletas...

Na madrugada, por fim,  
Belo Horizonte é um jardim  
de querubins e poetas !! !...

## ELA

*Cláudia Gomes Pereira*

[ Ouro Preto-MG ]

Mato verde, onze-horas  
cheiro manso de capim  
vestido de flor tingida  
florescores nos cabelos  
lua prata no olhar.

Chega assim num bem-me-quer  
que mal quero e já vou  
bruxa? fada?  
qual, que nada!  
vago espanto faz-me a íris  
toda ela é só mulher.

## CRIANÇAS DO ALÉM

*J.S.Ferreira*

[ Mariana-MG ]

Pelos altares  
estes anjos  
sobem e descem  
como ninguém.  
São crianças  
do além  
estes anjos?



**MC festas & eventos** TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL  
 Ofereça o que há de melhor para seus convidados / MARIANA/MG.  
 FONES: 3557-1883 / 8841-1883 / 8757-1883

## A VOZ ERGUIDA

**Márcia Barroca**  
 [ Rio de Janeiro-RJ ]

O poeta ressuscita na palavra  
 a voz que grita no silêncio  
 o traço fúnebre  
 que baila no texto ritmado  
 a ausência da febre  
 queimando matéria morta

O poeta descarta, desdobra,  
 desdiz o som escorregadio  
 na garganta que berra  
 Cordas vocais, vocábulos,  
 cavernas ambíguas  
 letras flutuantes  
 em papel de original efeito

O poeta cresce na essência  
 disforme de seu vício

## POEMA PROFESSOR

**J. B. Donadon-Leal**  
 [ Mariana-MG ]

Despe-te do rigor gramatical,  
 das normas;  
 embebe-te do lácio cru,  
 cotidiano e roto,  
 para construíres o poema  
 que é ser  
 professor

## VONTADE DE VIVER

**Messody Benoliel**  
 [ Rio de Janeiro-RJ ]

A velha história:  
 O bar na penumbra, a bebida suave  
 o som envolvente  
 a vontade de viver.  
 Mas não é a carne, é, isto sim, nossa alma.  
 Nossa alma, que fica em chama  
 que se inflama  
 e pede socorro.

E, sem saída, seguimos os caminhos  
 jamais traçados por nós.

## CANÇÃO DE MARIANA

*Que luz chega de outro lado  
 De outro rio, de outro mar?*  
 ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

**Dilermando Rocha**  
 [ Juiz de Fora-MG ]

Cidade cujas ruas acanhadas  
 sobem (ou descem)  
 sobre (ou entre)  
 os verdes morros  
 ouvindo ainda os sinos  
 que foram tocados  
 por Dom Silvério  
 – o primeiro arcebispo negro –  
 para a alma de Ismália no céu  
 e a poesia de Alphonsus na terra  
 E os sinos de Dom Silvério  
 dobram todos os dias e sempre  
 para sentir novas penas  
 com Ismália morrendo no mar  
 (o mar simbólico de Minas)  
 e a poesia de Alphonsus  
 pairando viva  
 no ar de Mariana

## SONHO V

**Andreia Donadon Leal**  
 [ Mariana-MG ]

imagens são sonhos afetos  
 colam nas telas  
 nas fotografias  
 e lembram alguma coisa  
 de esculturação natural  
 imagens são sonhos afetos  
 a beijar uma superfície

## ALDRAVIA / 03

**Michelle Bicalbo**  
 [ Mariana-MG ]

tento  
 e  
 me  
 reiventado  
 ao  
 vento

## EMBORA SEJA A VIDA

**Iacyr Anderson Freitas**  
 [ Juiz de Fora-MG ]

As cidades antigas  
 permanecem no mapa,  
 feito um tesouro vivo  
 guardado sob a capa.

Ocultam-se por baixo,  
 num papel mais esquivo.  
 Conquanto já rasgado,  
 nunca esteve tão vivo.

Jamais se mostrou tanto.  
 Tão pleno de perguntas,  
 nem todas com respostas  
 capazes de andar juntas.

As cidades antigas  
 governam qualquer mapa,  
 embora seja a vida  
 o chão que lhes escapa.

## POUNDERAÇÃO

**Márcio Almeida**  
 [ Belo Horizonte-MG ]

De minuto  
 a minuto  
 de mim nutro  
 diminuto.

## O CAMINHO DA LIBERDADE

**Marcelo Rocha**  
 [ Governador Valadares-MG ]

cismou de esfregar um entardecer  
 num princípio de noite  
 pra botar sentimento no feriado

não satisfeito colou de durex  
 a claridade das dez e meia  
 num pedaço enferrujado de madrugada

e como bom conhecedor das coisas  
 arredou o domingo pra dois dias à frente  
 e não precisou de ciência  
 pra derramar uma descoberta

:  
 quando o rio se perde  
 de amor pelas pedras  
 é aí que se inventa  
 o caminho da liberdade



 Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

 ATÉLIER CACÁ DRUMMOND

FONES: (31) 3558-6767 OU 9967-6767

Rua Dom Silvério, 303 - Centro - MARIANA - MG

## Do Formalismo à Estética da Recepção: introdução ao Aldravismo

Prof. Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior  
Pós-doutor em Literatura Comparada

Se a arte fosse alguma coisa que pudesse ser controlada pela razão e/ou averiguada por metodologias estatísticas de matemática aplicação, tanto mais fácil seria para uns e outros falarem o que falam sobre ela, a arte, mas não é assim. De fato, nada do que se diz sobre arte pode ser afirmado como a expressão da "verdade". A subjetividade e a fluidez da expressão, em graus variados, impõem um irreconstruível afastamento "crítico", impedindo o estabelecimento de variáveis absolutas de avaliação. Logo, tudo pode ser dito, desde que pautado pela ambivalência e pela multiplicidade. O grau de relatividade das assertivas beira o infinito, se não é dele mesmo expressão. Mas a gente continua tentando e acreditando que consegue ser objetivo ao falar de arte.

Esse preâmbulo serve de consolação para meu espírito atormentado pela quantidade de coisas que se dizem acerca da literatura, mesmo por aqueles que abominam o mais primário e visceral exercício de avaliação: a leitura do próprio literário, do texto literário. Em alguns casos, aliado do horizonte de expectativas de "leitores" considerados "preparados (Por quem? Como? A partir de quê?), o texto literário ainda é um desafio. Assim não fosse, penso eu, a literatura já teria esgotado como forma de expressão. Assim é que um sopro de vida tem sido bafejado sobre o fazer literário. Esse zéfito se origina nas alterosas e responde pelo nome de ALDRAVISMO. A semântica do vocábulo diz tudo. Abrir é verbo-chave. Liberdade, signo gerador contínuo em sua dinâmica criativa. O "movimento" anuncia a renovação de possibilidades consideradas em extinção pelo ceticismo de quem não se livra de formas, não abandona rotina rasteira de tentar "aplicar" teorias. O fazer poético – nas variegadas linguagens: música, poesia, pintura – é dinamicamente revisitado sob a égide de concepção peculiar de metonímia. Esta, por sua vez, deixa de ser considerada apenas como modo de articulação de linguagem, para alçar pináculos de célula *mater* do Aldravismo.

O que vai aqui dito é simplesmente a tentativa de síntese inicial, introdutória, de um longo e intrincado processo de investigação teórica acerca da Literatura. O desejo é desenvolver a tese em sua completude. O pressuposto básico é o de que é necessário, mais que possível, produzir um conhecimento específico acerca do literário, para que esta "disciplina", a Teoria da Literatura, não se torne apenas um exercício retórico de descrição de

um objeto alheio a este mesmo exercício. Daí a ideia de que a leitura do texto literário não perde, nunca, a sua efetividade. O conhecimento teórico que se procura produzir, então, terá a marca do exercício da leitura crítica que interpreta, projetando sentidos discursivos possíveis, a partir de uma subjetividade que se constitui e se submete, paradoxal e simultaneamente, neste mesmo discurso. O leitor deixa de ser a figura decorativa entronizada por uma certa tradição teórica, para ocupar o lugar de centro do discurso teórico-crítico-interpretativo da literatura, instituído a partir dos estudos da Estética da recepção.

Assumido este pressuposto, é possível conceber o "olhar" do leitor como o elemento agente desta construção discursiva que é a Teoria da Literatura, pois é a ele que a subjetividade autoral se dirige. Nesses termos, a novidade aldrávica pode ser lida como resultado desse exercício contínuo de leitura, também responsável pela própria criação poética. O que causa certo estranhamento, é perceber que a poesia produzida pelo Aldravismo – e tomo "poesia" aqui no sentido de processo, não de gênero, dado que várias são suas formas expressivas – nasce da prática primária da leitura que provoca no leitor a ânsia do sentido, jamais "adiantado" pelo "poeta" em seu "texto". Tal possibilidade de estranhamento justificável, nas palavras de Eagleton, remonta aos formalistas russos:

Os formalistas começaram por considerar a obra literária como uma reunião mais ou menos arbitrária de "artifícios", e só mais tarde passaram a ver esses artifícios como elementos relacionados entre si: "funções" dentro de um sistema textual global. Os "artifícios" incluíam som, imagens, ritmos, métrica, rima, técnicas narrativas; na verdade, incluíam todo o estoque de elementos literários formais; e o que todos esses elementos tinham em comum era o seu efeito de "estranhamento" ou de "desfamiliarização". A especificidade da linguagem literária, aquilo que a distinguia de outras formas de discurso, era o fato de ela "deformar" a linguagem comum de várias maneiras. (EAGLETON, 1983, p. 4)

Arbitrariedade é traço fundamental da subjetividade e esta não tem regras universais e fixas para se expressar, seja em linguagem comum, seja em linguagem literária. De mais a mais, talvez fosse o caso de se associar esse "estranhamento" provocado pela linguagem literária à percepção inconsciente de que um sujeito "outro" se explicita no exercício dessas mesmas possibilidades "técnicas" anunciadas, que caracterizam o fazer literário – espelhamento de um leitor real. Na altura do Formalismo Russo, não é equívoco considerar a influência das ideias freudianas acerca do assunto e perceber seu impacto no desenvolvimento teórico das próprias Ciências Humanas, de maneira geral. Afinal de contas,

um novo "paradigma" já estava posto: o desejo de expressão e seu similar na cooptação do cúmplice: o leitor.

As ideias de arbitrariedade, artifício e funções, no raciocínio de Eagleton, levam a pensar na ideia *mater* do Formalismo: o desvio. Essa noção, relacionada diretamente a seu oposto, a noção de norma, na perspectiva linguística dos formalistas russos, pode ensejar a visada aldrávica, ao explicitar a possibilidade crítica de uma espécie de norma outra, que aponta para a construção do sentido sem a preocupação de manter uma ética (ainda que implícita) da legitimação hegemônica da literatura. Isso faz retomar os caminhos do "cânone", em seu processo de constituição crítico-discursiva, estabelecendo "normas" secundárias para reconhecimento de "valor" literário das obras. Este estabelecimento, por sua vez, far-se-á modificado pela perspectiva do pretendido pelo "convite" aldrávica.

Com a interferência direta do leitor, como mediação operacional, esse tipo de dicotomia deixa de existir, enquanto critério de legitimação e quebra com o influxo do pensamento "formalista". Este, por sua vez, pode sustentar a celebração do desvio como a citada norma "outra". Em outras palavras, o que se destaca como vetor de orientação da busca de uma literariedade fundadora do estatuto do literário, para os formalistas russos, acaba por constituir-se como um vetor outro, apontado para a deflagração do dinamismo da metonímia, de acordo com a proposta em questão – em relação à tradição hegemônica –, desenhado do horizonte de expectativas também outro. Tanto no Formalismo, quanto na interlocução provocada pelo Aldravismo, o que se destaca é o papel do desvio, como o elemento de orientação e discussão do perfil discursivo que a Teoria da Literatura desenvolve, enquanto produção de conhecimento, quando da abordagem do literário, texto cultural diversificado e, por isso mesmo, afeito a essas novas visadas críticas.

Mais importante que isso, a ideia de desvio de linguagem – fundamental para os formalistas russos – é a chave do equacionamento que o Aldravismo propõe. Ou seja, para os formalistas, a literatura se constitui – enquanto trabalho estético como a linguagem – se, e somente se, souber explorar os desvios que essa mesma linguagem deixa entrever. Estabelece-se, então, uma "norma", a qual tem de ser "esquecida" para que a criação apareça. Ora, toda norma pressupõe o seu próprio desvio e a constância deste acaba, por sua vez, constituindo uma outra norma. No caso do Formalismo, por que não considerar o desvio linguístico como a explicitação *poética* de desvios outros, de ordem vária? Subscrever a Teoria da Literatura à consideração dos desvios da linguagem *per se* é denegar um princípio constitutivo da própria linguagem: a subjetividade

CONTINUA NA PÁGINA 07...

## CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ⇔ FONE: 3557-1130 ⇔ ⇔ ⇔

Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

## CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 06...

de. A hipótese é revisitar o Formalismo russo, na perspectiva desenhada, dado que, nesta, a ideia de desvio ganha espessura, desvinculando-se do perímetro linguístico, em tudo e por tudo redutor.

Por outro lado, como circunscrever o texto – produto do desvio linguístico – à sua expressão poética de um exercício racional de utilização da língua? O sujeito, para além de suas determinações conscientes – Freud àquela altura já tinha feito suas advertências – explícita pela língua um universo incomensurável de motivações inconscientes; todas elas, de maneira geral, marcadas pela abertura de possibilidades para múltiplas expressões. Denegar isso é como dizer que a linguagem é uma entidade autônoma e independente. A aproximação entre o Formalismo russo e a intervenção aldravista sobre a literatura, encontra um ponto comum, ponto de fuga que os aproxima e faz com que os dois passem por uma interação no sentido de voltar-se para as possibilidades infinitas de leitura. O “desvio” dos formalistas russos, em tudo e por tudo, não deve ser afastado do “desvio” do modelo de expressão poética – pós-moderno? pós-colonial? globalizado? – que pode ser explicitado pela operacionalidade do fazer aldravístico. Tanto numa, quanto noutra direção, é a ideia de fuga de uma “norma” que se apresenta como panorama ao qual o olhar crítico deve se voltar.

Fica patente, ainda que de maneira um tanto superficial, que o Formalismo russo provoca o ocultamento da alteridade do sujeito, na alteridade da linguagem. Sua visada crítico-teórica fazia *tabula rasa* das diferentes possibilidades de alteridade, resumindo-as todas na própria ideia de desvio. Ora, ainda que, aparentemente, tenha faltado aos formalistas russos a sensibilidade de perceber que a linguagem desviante – o que, ao fim e ao cabo, para eles, era a literatura – é a expressão de uma subjetividade outra, que se dirige a um interlocutor/sujeito, também outro; não se deve descartar a possibilidade de estabelecer uma interlocução entre este mesmo desvio – qualquer que seja – e a rasura aldravista.

Por outro lado, pode-se inferir certo sentido tautológico, amarrando o tecido de leituras sucessivas e intrinsecamente ligadas, fazendo pensar na distância entre as concepções de linguagem consideradas, respectivamente, pelos formalistas russos e por exemplo, pelo próprio Foucault. Instituído o discurso, como espaço de representações significativas operadas pela leitura, o desvio deixa, definitivamente, de ficar circunscrito ao campo de ação da linguagem *per se*. O sujeito, no caso, o leitor, vai ser então o responsável pela articulação dos sentidos múltiplos de que fala Foucault, que tem a sua tese sobre a imponderabilidade do poder da linguagem por ela mesma, corroborada. De certa forma, remonta-se aqui à ideia de transgressão, implícita nas argumentações que o

pensador francês desenvolve acerca do conceito de poder, o quê, ao final das contas, aparece articulado ao conceito de discurso, na dicção do mesmo pensador:

O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomençar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível. Mas esse jogo vai além de colocar em ação tais elementos: ele os situa em uma incerteza, em certezas logo invertidas nas quais o pensamento rapidamente se embaraça por querer apreendê-las.

O limite e a transgressão devem um ao outro a intensidade de se ser: inexistência de um limite que não poderia absolutamente ser transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transportaria um limite de ilusão ou de sombra. (FOUCAULT, 2001, p. 32)

Em termos gerais, a Teoria da Literatura, em todos os seus momentos, tomou em consideração o leitor, mas sempre em relação ao texto. Exemplo disso é o conjunto de investigações do Formalismo russo, como aqui referido. Apesar de ser tomado sempre como uma das correntes textualistas, o Formalismo não prescinde do leitor, uma vez que a ideia de desvio só pode ser pensada a partir desse pressuposto. É absurdo pensar num grau de autonomia tal, para a linguagem, que fosse capaz de produzir seus próprios desvios. Na verdade, é a arbitrariedade do sujeito que utiliza a linguagem é que vai determinar esse grau de desvio. A intensidade, o objetivo e a instrumentalidade desse desvio respondem a uma demanda de desejo do sujeito e não da linguagem, pois que esta existe em função daquele e vice-versa. Há, portanto, relação de interdependência intrínseca nessa interação, não sendo possível hierarquizar, na linha do tempo, qual dos dois elementos “vem primeiro”. Esse detalhe, aparentemente banal, óbvio e superficial, é o olho do furacão do/no ideário formalista. A linguagem, como disse, não tem autonomia para se livrar disso. É aqui que se localiza o “ponto de fusão” com a Estética da recepção, provocada ou gestada pelo Aldravismo.

Por volta de 1967, um grupo de investigadores, reunidos sob o nome de “Escola de Constança”, publicava uma série de textos que, paradoxalmente, não podem ser classificados de programáticos. Neste sentido, Wolfgang Iser, considerando o texto literário, em seu artigo “Problemas da teoria da literatura atual”, publicado no segundo volume de *Teoria da Literatura em suas fontes*, livro de Luiz Costa Lima, diz que o texto literário é ato intencional dirigido a dado mundo. Este, por sua vez, se relaciona com o próprio texto e experimenta ajustes conjunturais. Assim a função do texto literário se funda nos modos de fazer balanço de um mundo complexo por ele mesmo, às vezes, problematizado.

O momento histórico em que os primeiros textos da Escola de Constança aparecem é de extrema fecundidade. A revisão crítica do estruturalismo já se processava de maneira séria e profunda. Não é à toa que a recepção literária pode espelhar a modernidade. Ela é a conjugação de linhas de pesquisa que, além de aprimorar os estudos literários, desamarravam-nos do estruturalismo, provocando uma certa ruptura na relação autor *versus* obra. Inaugura-se a outra metade do caminho: obra *versus* leitor. Em se tratando de momentos, o Aldravismo constitui uma dessas instâncias a partir do momento em que se pode localizar na Estética da Recepção, elementos interessantes para estabelecer interlocução com outro “momento”, este, anterior: o Formalismo russo, como já mencionado.

De encontros e desencontros, sabe-se, uma história pode ser escrita. Aqui, essa história aponta para a possibilidade de encontrar na proposta aldravista um ponto de fusão – de encontro, de interlocução, de ligação – entre o Formalismo russo e a Estética da recepção. Do primeiro, o aldravismo herda a ideia do desvio; da segunda, a ideia do leitor como co-construtor do sentido. Elementos fundamentais na proposta dos poetas mineiros, Formalismo russo e Estética da recepção instituem-se como balizas de determinação de território fértil para a aposta aldravista. No desejo de cooptar o leitor como elemento que vai operar metonimicamente sua leitura, para que o sentido da obra seja fruído em sua volátil, mas possível, fruição, a poesia aldravista herda e operacionaliza dinamicamente o princípio do desvio. Explico-me.

Para os formalistas o desvio é marca da linguagem literária. O Formalismo russo está, implícita – e eu arriscaria a dizer, inconscientemente –, invocando o sujeito, utilitário da linguagem. Ele se constitui nela e essa crença é tudo. Não há como escapar dessa ilusão. Mais adiante, quando a ideia de desvio é substituída pela de horizonte de expectativa – a generalização, aqui, não fere o princípio epistemológico da Teoria da Literatura, nesses dois momentos de sua História: o Formalismo e a Estética da Recepção –, o sujeito continua presente, dessa feita, explicitamente.

Como resultado de uma interlocução com o sujeito, esta linguagem não pode ser tomada objetivamente, o que leva à constatação de que o desvio que ela expressa pode ser uma decorrência de igual desvio do sujeito. Nesta dialética, a leitura do desvio, por parte da teoria e da crítica, visando à constituição de uma teoria, também vai ser desviada de certo “caminho do bem”. A transgressão, então, se dá a perceber como única forma de se tornar plausíveis as propostas que dela mesma se podem inferir para o trabalho teórico, no caso específico dos Estudos Literários. Ocorre que tal constatação não é assim tão tranquila. Ela também se auto-questi-

CONTINUA NA PÁGINA 08...



**TORNEAMENTOS MARIANA LTDA**  
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones:  
(31) 3557-2126  
(31) 3557-1783



### CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 07...

ona, enquanto processo de definição de princípios operacionais que, por que transgressores, não podem abolir certa ordem de definição de campos e valores a serem seguidos, por quem assim o desejar:

Pensamos sempre que não agimos como seria bom agir porque uns transgridem as normas por cinismo e outros por ignorância. Os primeiros são autores ou cúmplices da imoralidade porque sabem o que é bom, mas manipulam as brechas do sistema social para obter privilégios ilícitos e injustos. Os segundos transgridem por inépcia; porque jamais souberam o que significa ser tratado como um sujeito moral. A convivência com o desmando ou visa à sobrevivência dos que não têm saída ou à saída mais fácil dos que sempre "se deram bem". (COSTA, 1995, p. 39)

É claro que em termos sociológicos a situação acima descrita não é de difícil percepção. Na verdade, a sociedade atual está sendo (infezivelmente) acostumada a conviver com situação de des-mando, inépcia e privilégios que, nem sempre são explicados de maneira satisfatória. Da mesma forma, o circuito institucional da Teoria da Literatura, quando se toma, por exemplo, a universidade enquanto um microcosmo que explicita analogias com a sociedade como um todo pode ser um modo de analisar a mesma situação. O fato é que existe sempre uma tendência atávica dos estudiosos de estabelecer seus próprios limites, numa tentativa de determinar áreas de poder e circunscrição de idéias e procedimentos. O movimento é "natural", mas sempre causa uma dissensão que, por vezes, pode ser não muito positiva. O que desejo dizer é que a transgressão por ela mesma, não leva a nada.

No caso da Teoria da Literatura, dada a natureza absolutamente relativa de seus pos-

síveis posicionamentos crítico-interpretativos, estas dissensões não produzem uma segurança metodológica e, mesmo, epistemológica. Assim, há que se retomar a prática, sempre de um ponto adiante, sem, no entanto, desconsiderar os pontos anteriores. Um movimento difícil, principalmente quando o desejo é o de determinação de campos de ação limitados, circunscritos a princípios supostamente universais e suficientes. Numa outra perspectiva, estes mesmos princípios, estes modos de agir generalizados, podem vir a ser considerados desvios do que seria tido e havido como o "caminho certo".

Nesta perspectiva, não se pode deixar de lado a possibilidade de pensar a prática da leitura teórica e crítica como um instrumento político de conquista de espaço no vasto universo da cultura. Num outro plano de leitura, isso é também prática aldravista. Para que um suposto sistema de "valores" teórico-operacionais mantenha sua coerência, as causas devem poder funcionar como razões. Isto quer dizer que entre causas e efeitos tem de haver uma relação de plausibilidade. Os conteúdos racionais ou descritivos dos fatores causais devem apresentar certa homologia com os conteúdos dos efeitos. Os comportamentos transgressores são vistos como "negativos" devem encontrar na raiz de suas causas fatos também "negativos". Mais uma vez, a ideia de desvio se faz importante e pertinente. O aspecto deficitário do que se tornou costumeiro no exercício produtivo da teorização deve refletir o aspecto deficitário dos eventos que levaram à determinação deste mesmo exercício.

As condutas imprópria-mente chamadas de transgressoras põem a nu, ao mesmo tempo, o fracasso das tentativas individualizantes em meio ao "mal-estar da cultura". Aqui, esse mal-estar pode ser percebido nas dificuldades de se vencer certos impasses epistemológicos que, ao longo dos anos, a Teoria da Literatura vem enfrentando. A determinação do que seja desvio, por exemplo, pode ilustrar um destes impas-

ses. Isto se dá, uma vez que o Formalismo russo é tido e havido como uma "corrente" superada e, por isto mesmo, sujeita a um abandono que, em nada e por nada, deve ser suscitado. Sua "recuperação" parece ser o caminho mais adequado a um momento como o que se vive. Se pensarmos tudo isso na perspectiva de uma ética do comportamento sócio-cultural em que se inserem os estudos literários, não se pode deixar de constatar que a imoralidade é percebida como excesso ou omissão, desequilíbrio ou inadequação à norma. É como se houvesse a possibilidade de se prever todo tipo de transgressão e, conseqüentemente, seu controle seria viável. Quando se enfoca a linguagem, tal raciocínio não procede, comprovando a impossibilidade de um controle prévio. Nestes termos, trabalha-se sempre com a ideia de que a transgressão é um desafio constante. O fracasso na tentativa de vencê-lo pode ser lido como a representação da falência no desempenho pressupostamente esperado. Os discursos são feitos de signos, mas o que eles fazem é mais do que utilizar estes signos para designar coisas ou explicitar temas. É esse "a mais" que os torna irreduzíveis à língua — e a seu perímetro de ação. É esse "a mais" que é preciso fazer aparecer e descrever. Não se trata de negar o conceito de linguagem — o que, e equivocadamente, faria repetir a "condenação" do Formalismo russo e a operacionalidade de sua ideia de desvio linguístico —, mas de defender que o discurso é mais abrangente e multifacetado que esta. Evoé, Aldravismo!

Observação — para quem se interessar sobre o assunto, recomendo as seguintes leituras (todas elas referenciadas no artigo):

• CULLER, Jonathan. *Teoria da Literatura*: uma introdução. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

• EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

• FOUCAULT, Michel. *Estética*: literatura e pintura, música e cinema. Trad. De Inês Autran Dourado Barbosa. São Paulo: Forense universitária, 2001. Coleção Ditos e escritos, v.3.

• ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. Coleção Fundamentos, 41.



**Leia:**

Ponto de Distribuição do  
Jornal **Aldrava Cultural**:  
Escritório de Advocacia  
**Roque Camello**  
Rua Guajajaras, 43  
Conjunto 104 – Centro  
**Belo Horizonte – MG**  
Fone: **3273-9080**  
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural  
[Contatos]

**GABRIEL BICALHO**  
gabicalho@terra.com.br

**ANDREIA DONADON LEAL**  
deidonadon@yahoo.com.br

**J. B. DONADON-LEAL**  
jbdonadon@hotmail.com

**J.S.FERREIRA**  
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665  
jornal  
**aldrava**  
CULTURAL

EM CIRCULAÇÃO DESDE  
NOVEMBRO DE 2000

E-mail: [jornalaldrava@bol.com.br](mailto:jornalaldrava@bol.com.br)  
Site: [www.jornalaldrava.com.br](http://www.jornalaldrava.com.br)

Editado por:  
**ALDRAVA LETRAS E ARTES**  
CNPJ 04.937.265/0001-71

Presidente:  
**GABRIEL BICALHO**  
Vice-Presidente:  
**J.S.FERREIRA**  
Secretária:  
**HEBE ROLA**  
Diretor de Arte:  
**CAMALEÃO**  
Diretor de Projetos:  
**ANDREIA DONADON LEAL**  
Conselho Editorial e Fiscal:  
**J. B. DONADON-LEAL III (Presidente) III**  
**ANDREIA DONADON LEAL**  
**GABRIEL BICALHO**  
**GERALDO REIS**  
**HEBE ROLA**  
**J.S.FERREIRA**  
**JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.**  
Tesoureiro:  
**J.S.FERREIRA**  
Jornalista Responsável:  
**THIAGO CALDEIRADAS SILVA**  
Reg. Profis. - DRT - MG - 13894/MG  
Assessor Jurídico:  
**GERALDO REIS**  
Assistência Contábil:  
**SERVICOM - Serviços Contábeis**  
Webmasters:  
**RODRIGO MAGNO CAMELO REIS**  
**MÁRCIO JOSÉ BARROS**

Endereço do Jornal:  
CAIXA POSTAL Nº 36  
CEP: 35.420-000 - **MARIANA (MG)**

Desenho / Igrejas:  
**LÉLIO**  
Revisões e conceitos emitidos em artigos, poemas e colaborações diversas são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

h h h h h

Desenho: **ALDRAVA - José Wash Rodrigues**  
Impressão: Editora Dum Viciosa - 3557-1233

